

A luz de um sorriso

É muito emocionante participar desta homenagem a Clara Charf e Rosemarie Muraro, mulheres incríveis, contestadoras que vieram antes e abriram inúmeros caminhos, e a quem nunca seremos suficientemente gratas.

Cada uma de nós terá suas razões especiais para a admiração e a gratidão que sente em relação a Rose e a Clara. Sei que as minhas palavras para Clara são algumas entre muitas, e me sinto um pouco enxerida, uma vez que conheci Clara pessoalmente tarde na vida, já no século 21, em 2003, quando integramos o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher .

Clara nasceu em 1925, em Maceió, numa família de imigrantes judeus de origem russa (como a de Clarice Lispector). Seu pai era mascate e sua mãe, dona de casa; viviam modestamente. Morou em Recife, onde se encontra a mais antiga sinagoga das Américas. Parece que sua família não era muito afeita a práticas religiosas. Queria ser médica ou aviadora, mas teve que trabalhar: foi datilógrafa e aeromoça.

Em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, começou a militar no Partido Comunista. Está às vésperas de comemorar 70 anos de militância. Quando eu nasci, Clara já estava engajada na política.

O comunismo naquele contexto representava uma lufada de esperança num mundo de paz, igualdade e justiça. Embora a bruta realidade do mundo comunista tenha desmanchado essas ilusões, mantive por razões sentimentais um enorme afeto pelos militantes comunistas anônimos que se bateram guiados por elas.

São imagens fortes do meu primeiro imaginário/infantil: Helena, minha mãe, sentada numa banquinha no viaduto do Chá tentando arrebanhar votos para o partido, o relato de Darcy (Ribeiro) de como se apaixonou por Berta (Gleizer), que lutava contra o vento para manter uma faixa que carregava em meio a

bandeiras vermelhas numa manifestação do partido, mas também a nada idílica imagem de Câmara (Ferreira), tendo suas unhas arrancadas nos cárceres do Estado Novo. Um mundo dividido entre nós e eles.

Desde sempre, Clara fez parte deste nós. Tenho uma enorme admiração por sua dedicação e coragem.

Clara compartilhou sua vida com a do líder comunista Carlos Marighella por cerca de 25 anos, a maioria dos quais na clandestinidade. Venceu a resistência de seu pai, que não aprovava e tentou impedir o namoro, impensável esse relacionamento com um *schwartz* goy, um não judeu escurinho.

O Partido Comunista era avesso à mixidade, optava por uma divisão sexual das tarefas, as mulheres deveriam trabalhar prioritariamente com mulheres. Assim, nos breves intervalos em que pôde viver na legalidade, Clara atuou na Liga Feminina. Por coincidência, estava participando em congressos mundiais de mulheres: em 1962, quando da crise dos mísseis em Cuba, estava justamente num congresso em Havana; em 1964, no momento do golpe militar que derrubou o presidente João Goulart, estava noutro congresso em Moscou. Desde então, esteve sempre envolvida com reivindicações das mulheres.

Depois do assassinato de Marighella em 1969, Clara esteve asilada em Cuba e só pôde retornar ao Brasil em 1979, depois da lei de anistia. Seu desempenho como viúva do guerrilheiro heroico foi exemplar, não medindo esforços para resgatar e preservar sua memória, bem como a dos demais presos e desaparecidos políticos no período. Nesse momento de controvérsias a respeito de direitos dos biografados e seus familiares, prestou uma contribuição inestimável, abrindo generosamente todos os documentos que possuía para Mário Magalhães escrever *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*.<sup>1</sup>

Pode ser que Clara considere essa a sua missão principal, mas a verdade é que ela é uma mulher de causas, não para nunca, está sempre buscando novos

---

<sup>1</sup> Editado pela Companhia das Letras, São Paulo, 2012.

espaços para mudar o mundo. Na volta ao Brasil, logo aderiu ao Partido dos Trabalhadores e se enfrontou no movimento de mulheres.

Um dos traços mais admiráveis, a meu ver, dessa lutadora incansável é justamente essa convicção que há sempre algo por fazer, que dentre opções que parecem todas sofríveis existe sempre uma que é menos má. Dona de uma energia inacreditável está sempre pronta a recomeçar, a opinar, a participar, a reivindicar. Parece que ela não se deixa abater nunca pelo desânimo. É verdade que Clara é emotiva, chora fácil, deixa-se levar pela comoção tanto de memórias dolorosas como de prazerosas.

Clara está sempre pronta a enfrentar novos desafios e tende a tirar lições positivas de suas experiências, como podemos depreender de seu relato para a revista *TPM* de como foi sua experiência de candidata não eleita a deputada estadual pelo PT: “tive 19 mil votos, não sei como, eu não tinha dinheiro mas todo mundo queria ajudar, foi uma coisa linda”.<sup>2</sup> Nas lembranças dos 20 anos de clandestinidade menciona sempre em primeiro lugar a solidariedade dos companheiros.

Admiro esse seu permanente interesse pelos outros, sua dimensão solidária, lembro quando Clara quebrou o fêmur e estava se recuperando num flat do hospital Santa Catarina, onde seguia disciplinadamente todas as instruções médicas e fazia todos os doloridos exercícios recomendados, o que facilitou sua recuperação. Precisava da presença constante de cuidadoras que se revezavam. Era Natal e haveria uma ceia no restaurante. Quando soube que as cuidadoras não poderiam entrar, Clara se recusou a participar, preferiu comemorar o Natal em seu quarto junto com a moça que vinha cuidando dela.

Em 2005, foi escolhida para participar da coordenação do processo internacional de seleção e indicação de mil mulheres para o Prêmio Nobel da Paz. Foi um processo trabalhoso de reuniões internacionais e nacionais em que

---

<sup>2</sup> Entrevista revista *TPM*, 127, 10 jan. 2013.

52 brasileiras foram selecionadas.<sup>3</sup> Nesse processo foi construída uma rede mundial de ativistas de direitos humanos que veio resultar na criação da Associação Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com sede na Suíça. Com base nessa experiência, Clara criou, em 2008, em São Paulo, a Associação Mulheres pela Paz, onde vem atuando desde então.

Essa batalhadora incansável lastima sua impossibilidade de estar em todas as lutas, não conseguir, por exemplo, estar presente em todas as reuniões de sábado do Memorial da Resistência. Faz pouco declarou: “estou arrependida por não ter feito mais, não deu tempo”.<sup>4</sup>

O sorriso da Clara é inesquecível, um sorriso aberto, de todos os dentes, um sorriso luminoso. Um sorriso indisfarçável que suscitava preocupações de segurança em Marighella: “você não pode sorrir, minha branquinha, vão te reconhecer”. Clara, uma vez, declarou que associava a volta da democracia à possibilidade de dar risadas à vontade.

Clara, obrigada! Que seu sorriso nos ilumine!

São Paulo, 18 de Fevereiro de 2014

Albertina de Oliveira Costa, Fundação Carlos Chagas

---

<sup>3</sup> Ver *Brasileiras Guerreiras da Paz* (Editora Contexto, 2006), livro coordenado por Clara Scharf contendo os perfis das indicadas.

<sup>4</sup> Entrevista ao Portal Linha Direta do Diretório Regional do PT, em 21.10.2012.